

O(A) DOCENTE COMO PROFISSIONAL CALEIDOSCÓPIO DA EDUCAÇÃO: ANÁLISES CRÍTICO-REFLEXIVAS

THE TEACHER AS A KALEIDOSCOPE OF EDUCATION PROFESSIONAL: CRITICAL-REFLECTIVE ANALYSIS

Marcos Pereira dos Santos¹

Resumo: O presente artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa, tem como principal finalidade realizar análises crítico-reflexivas referentes à função do(a) docente como profissional caleidoscópio da educação. Pautado em aportes teóricos (bibliográficos e eletrônicos) resultantes de pesquisas científicas desenvolvidas, em nível nacional e internacional, por renomados(as) estudiosos(as) do tema em questão, este trabalho de investigação científica encontra-se didática e metodologicamente estruturado em três partes distintas, a saber: Inicialmente, são apresentadas (breves) notas históricas alusivas ao papel do professor desde a Grécia antiga até os dias atuais, passando de preceptor cultural erudito à profissional da educação. A seguir, trazemos a lume importantes apontamentos acerca de o(a) docente como profissional caleidoscópio com (in)titulações e atividades educacionais diversificadas no Brasil do século XXI. Na sequência, faz-se comentários sobre o(a) professor(a) como formador(a) educacional caleidoscópio de diferentes profissionais para o (competitivo) mercado de trabalho. Por fim, a título de considerações finais, efetuamos algumas ponderações concernentes aos assuntos mais latentes, significativos, preeminentes e nevrálgicos abordados no contexto do *corpus* textual do artigo científico em foco, buscando assim dar maior ênfase aos aspectos didático-pedagógicos e metodológicos que gravitam em torno do trabalho docente em sentido amplo.

Palavras-chave: Educação. Docência. Formação profissional. Prática pedagógica. Processo ensino-aprendizagem.

Abstract: The present academic-scientific article, with a qualitative research approach, has as main purpose to carry out critical-reflexive analyzes regarding the function of the teacher as a professional kaleidoscope of education. Based on theoretical contributions (bibliographic and electronic) resulting from scientific research developed, nationally and internationally, by renowned scholars of the subject in question, this scientific research work is didactic and methodologically structured in three parts distinct, namely: Initially, (brief) historical notes referring to the role of the teacher from ancient Greece to the present day are presented, going from a learned cultural preceptor to an education professional. Below, we bring to light important notes about the teacher as a kaleidoscope professional with (un)titles and diversified educational activities in 21st century Brazil. Following, comments are made about the teacher as a kaleidoscope educational trainer of different professionals for the (competitive) job market. Finally, as final considerations, we made some ponderations concerning the most latent, significant, preeminent and neuralgic issues addressed in the context of the textual *corpus* of the scientific article in focus, thus seeking to give greater emphasis to the didactic-pedagogical and methodological aspects that gravitate in around teaching in a broad sense.

Key-words: Education. Teaching. Professional qualification. Pedagogical practice. Teaching-learning process.

¹ Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Educação. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. E-mail: para contato: mestrepdagogo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Educação! Magistério! Docência! Formação profissional! Prática pedagógica! Processo ensino-aprendizagem!

Grosso modo, estas são as principais palavras-chave que caracterizam a profissão de professor(a).

Falar e escrever sobre a temática “Formação (Inicial e Continuada) de Docentes” no Brasil e as práticas pedagógicas profissionais desenvolvidas pelos(as) professores(as) das diferentes áreas do conhecimento se constitui em algo empolgante, porém deveras desafiante, desafiador e complexo; tendo em vista os tabus, mitos, estereótipos, celeumas conceituais e representações sociais – individuais ou coletivas (RANGEL, 1999) que gravitam em torno do exercício da função docente tanto na escola de Educação Básica (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) quanto na Educação Superior (em cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*).

Isto se deve ao fato de que o “bom professor” ou a “boa professora”, segundo asseveram Cunha (2001) e Rangel (1999), deve apresentar inúmeras qualificações acadêmicas (titulações), capacidades e habilidades para que seja possível exercer a docência em sala de aula, bem como possuir diferentes competências para ensinar, quais sejam:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem.
2. Administrar a progressão das aprendizagens.
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação.
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho.
5. Trabalhar em equipe.
6. Participar da administração da escola.
7. Informar e envolver os pais.
8. Utilizar novas tecnologias.
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.
10. Administrar sua própria formação contínua. (PERRENOUD, 2000, p.14)

Além destas competências, é fundamental que todo(a) docente seja dotado(a), em especial, de competência pedagógica (RIBAS, 2000; YAMAMOTO; ANDRUCHAK, 2005), competência técnica/operacional, saberes docentes (TARDIF, 2006), saberes pedagógicos (AZZI, 2002) e de várias qualidades e virtudes que, de acordo com Veiga e Souza Araújo (2000), se resumem em: sacerdote da cultura

(fazendo alusão à gênese do Cristianismo no decorrer da Modernidade dos séculos XV a XVIII), abnegação (renúncia de algo), sacrifício (doar-se em favor de outrem), altruísmo (amor ao próximo), benevolência, compreensão, magnanimidade (grandeza de alma), disciplina, responsabilidade, tolerância, probidade (honradez, integridade e caráter moral), perseverança, alteridade (qualidade ou estado do que é diferente; capacidade de se colocar no lugar de outrem na relação interpessoal), dentre outras.

Somadas a estas qualidades e grandes virtudes, e fazendo nossas as concepções de Sponville (2009), poderíamos mencionar ainda o(a): resiliência (capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar às mudanças), polidez, fidelidade (profissional!), prudência, temperança, coragem, senso de justiça, generosidade, compaixão, misericórdia, gratidão, humildade, simplicidade, tolerância, pureza (de espírito), doçura, boa-fé (conformidade dos atos e das palavras com a vida interior; amor ou respeito à verdade), (bom) humor, amor (no sentido mais profundo do termo), etc.

Trata-se, segundo Veiga e Souza Araújo (2000, p.108), de “[...] configurar as bases éticas e morais em que se constitui a relação dos profissionais da educação em geral com aqueles(as) que usufruem de seus serviços educacionais”, dentro e fora da instituição escolar.

Posto isto, à guisa de palavras iniciais, torna-se mister elucidar que este artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa, tem como objetivo central realizar análises crítico-reflexivas referentes à função do(a) docente como profissional caleidoscópio da educação.

Vale esclarecer, de antemão, que o termo “caleidoscópio” (ou “calidoscópio”) aqui utilizado é oriundo da Física, subárea “Óptica Geométrica”, no intuito de fazer menção correlativa à visão abrangente e multifacetada que os(as) docentes devem possuir em relação ao processo educativo em geral, cujo engendramento ocorre por meio de pedagogia(s), didática(s), técnicas e metodologias educacionais, ensino, aprendizagem, recursos didático-pedagógicos, currículo escolar, avaliação educacional, dentre inúmeros outros elementos. (BINS; MOLINA NETO, 2016; SANTOS, 2014)

Assim sendo, o presente trabalho de investigação científica está estruturado de forma didático-metodológica em três partes distintas, a saber: 1ª) (Breves) notas históricas alusivas ao papel do professor desde a Grécia antiga até os dias atuais, passando de preceptor cultural erudito à profissional da educação; 2ª) O(A) docente como profissional caleidoscópico com (in)titulações e atividades educacionais diversificadas no Brasil do século XXI; e 3ª) O(A) professor(a) como formador(a) educacional caleidoscópico de diferentes profissionais para o (competitivo) mercado de trabalho.

Por fim, a título de considerações finais, efetuamos algumas ponderações concernentes aos assuntos mais latentes, significativos, preeminentes e nevrálgicos abordados no contexto do *corpus* textual do artigo científico em foco, buscando assim dar maior ênfase aos aspectos didático-pedagógicos e metodológicos que gravitam em torno do trabalho docente em sentido amplo.

Ademais, o estudo científico ora trazido a lume encontra-se essencialmente pautado em aportes teóricos (bibliográficos e eletrônicos) resultantes de pesquisas acadêmico-científicas desenvolvidas, em nível nacional e internacional, por renomados(as) estudiosos(as) do tema em questão, dentre os(as) quais podemos mencionar, por exemplo: Azzi (2002), Bins; Molina Neto (2016), Cambi (1999), Cunha (2001), Freire (2005), Larroyo (1974), Libâneo (1999), Perrenoud (2000), Rangel (1999), Ribas (2000), Santos (2014), Saviani (1980), Sousa Neto (2005), Tardif (2006), Veiga; Souza Araújo (2000), dentre outros(as).

1. De preceptor cultural erudito à profissional da educação: (breves) notas históricas sobre o papel do professor desde a Grécia antiga até os dias atuais

Professor!? Professora!?

Todas as pessoas que outrora estiveram nos bancos escolares ou universitários guardam lembranças (positivas e/ou negativas) de seus professores e de suas professoras, haja vista que eles(as), de forma direta ou indireta, deixam marcas profundas e irreversíveis na vida dos(as) estudantes; seja pelo modo de ensinar, pelo(s) tipo(s) de metodologia(s) e técnica(s) de ensino utilizada(s) em sala de aula, pela sistemática de avaliação da aprendizagem que adotara, pela postura

profissional, pelas atitudes e comportamentos, pelas habilidades e competências profissionais demonstradas ou por qualquer outra característica inerente à prática pedagógica profissional docente. Trata-se, pois, de recordações, reminiscências dos tempos de escola.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que a figura do(a) professor(a) sempre fez parte da história da humanidade, desde as épocas mais remotas antes de Cristo.

Segundo estudos desenvolvidos por Cambi (1999), Ghiraldelli Júnior (1991), Larroyo (1974) e Lima (1984), na Grécia antiga, por exemplo, mais precisamente durante os séculos III a V a. C., existia a presença de um preceptor ou agente co-tutelar do sexo masculino, isto é, um “escravo pedagogo” dotado de conhecimentos culturais eruditos que era responsável pela educação das crianças em sentido amplo, cabendo a ele a função precípua de instruir, ensinar, educar, disciplinar e conduzir os filhos pequenos de nobres e burgueses ao reto caminho e às verdadeiras fontes do conhecimento científico, a fim de prepará-los adequadamente para a vida em sociedade e serem exímios guerreiros e heróis valorosos.

Para que seja possível melhor compreender o real significado da expressão “escravo pedagogo”, em específico, faz-se mister esclarecer, *a priori*, o sentido etimológico do termo pedagogia, conforme assevera Bueno (1966, p.132): “[...] vocábulo originário do latim “*pedagogus*”, que provém da palavra grega “*paidagogos*”, sendo “*paida*” (pais), “*paidós*” (criança) e “*agogos*” (condutor, dirigente)”.

Face ao exposto, podemos assegurar o seguinte:

A pedagogia, literalmente falando, tem o significado de “condução da criança”. Era, na Grécia antiga, a atividade do escravo que conduzia as crianças aos locais de estudo, onde deveriam receber instruções de seus preceptores. O “escravo pedagogo” era o “condutor de crianças”. Cabia a ele levar o jovem até o local do conhecimento, mas não necessariamente era sua função instruir esse jovem. Essa segunda etapa ficava por conta do preceptor. Quando da dominação romana sobre a Grécia, as coisas se modificaram. Aí, os escravos eram os próprios gregos. E, nesse caso, os escravos eram portadores de uma cultura superior à dos seus dominadores. Assim, o “escravo pedagogo” não só continuou a agir como “condutor de crianças”, mas também assumiu a função de preceptor. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.8)

Além dessa prática educativa ser um costume usual ou uma tradição da cultura grega na época, não havia ainda a presença da escola como instituição

socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018) ou *locus* de ensino e aprendizagem, por excelência, tal qual a conhecemos hoje (a escola propriamente dita surge como constructo estrutural-arquitetônico e espaço de educação formal somente a partir do século XV), cujo papel é, no âmbito de suas funções sociais manifestas e latentes, o de transmitir, repassar e socializar/democratizar informações e conhecimentos científicos histórica e culturalmente construídos e oriundos de diferentes áreas do saber (LENHARD, 1998), tendo em vista a formação integral (*paideia*, em grego) ou holística dos alunos em sentido abrangente (aspectos social, político, humano, ético, moral, afetivo, emocional, cognitivo, psicológico, gnosiológico, estético, epistemológico, teleológico, axiológico, dentre outros).

Sem a pretensão de realizar um “salto histórico”, convém destacar que com o advento da instituição-escola durante o século XV, período histórico em que houve a invenção da imprensa (máquina de impressão tipográfica) pelo alemão Johannes Gensfleisch Zur Laden Zum Gutenberg (1398-1468), a posterior criação das primeiras faculdades e universidades de Direito e de Filosofia, Ciências e Letras no século XVIII (época histórica conhecida como Iluminismo, Ilustração, Esclarecimento ou Época das Luzes) e a implantação do curso de Pedagogia no Brasil em 04 de abril de 1939 (SILVA, 1999), por exemplo, foram surgindo outras pessoas (homens e mulheres), agora com formações acadêmicas específicas, dotadas de grandes habilidades, competências, conhecimentos, saberes e atribuições para ensinar em escolas, colégios, liceus, educandários, faculdades, cátedras e universidades em todos os lugares do mundo.

No Brasil, em específico, a formação inicial e continuada de professores(as) para atuar nos diferentes níveis e modalidades de educação/ensino sempre foi, em maior ou menor escala, motivo de preocupação do Estado. Tanto isto é verídico que a Escola Normal, por exemplo, a qual, segundo Pimentel (1993), preparava docentes para lecionar no (antigo) ensino primário (de 1ª a 4ª séries), surgiu em 1835, justamente devido à grande necessidade social da época de formar profissionais qualificados(as) para o exercício do magistério no Ensino Fundamental.

Sendo assim, a presença física e real do(a) professor(a) foi adquirindo novos sentidos e significados no contexto da sociedade de classes sociais antagônicas (burguesia/elite dominante do poder *versus* proletariado) e ganhando diversas

nomenclaturas e expressões terminológicas em cada tempo histórico, dadas as demandas sociais, as legislações existentes, as políticas públicas educacionais vigentes e as funções desempenhadas em diferentes espaços educativos formais e não formais.

2. Docente: profissional caleidoscópio com (in)titulações e atividades educacionais diversificadas no Brasil do século XXI

Sabe-se que o campo educativo é deveras abrangente, uma vez que a Educação – palavra oriunda do latim “*educationem*” que, por seu turno, surge de “*educare*” e este último tem sua derivação de “*educere*”, significando conduzir, levar, extrair, tirar ou desenvolver (BUENO, 1966; BRANDÃO, 1981) –, em si, pode ocorrer na família, na igreja, na rua, na fábrica, no ambiente de trabalho, na política, nos meios de comunicação em geral, na escola e também em outros inúmeros locais. Portanto, não se pode negar que há, de acordo com Libâneo (1999), diferentes formas, manifestações, níveis/ graus e modalidades de prática educativa, tais como: a educação informal, a educação não formal e a educação formal.

Sobre esta questão, é possível afirmar que:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. *A educação não formal* seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. *A educação formal* compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática. Há uma interpretação constante entre essas três modalidades que, embora distintas, não podem ser consideradas isoladamente. Se há muitas práticas educativas, em muitos lugares e sob variadas modalidades, há, por consequência, várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., e também a pedagogia escolar. (LIBÂNEO, 1999, p.23-24)

Isto implica dizer que todo(a) aquele(a) que se dedica à Educação ou à ‘arte de ensinar’ – no sentido didático do termo proposto, no século XVII, pelo educador e pastor protestante João Amós Comênio (1592-1670), considerado o “pai da Didática” –, tendo esta como ofício, atividade remunerada ou trabalho assalariado pode ser

chamado(a) de: instrutor(a) (FABRA, 1980), tutor(a) (MATTAR, 2011), agente educativo, formador(a), agente escolar, agente educacional, mestre(a) (BRASIL, 1977), profissional do ensino, profissional da educação, profissional do magistério, trabalhador(a) educacional, trabalhador(a) da educação (MÉSZÁROS, 2005), educador(a), intelectual orgânico (GRAMSCI, 1991), colaborador(a) do ensino, colaborador(a) da educação, pedagogo(a), professor(a)-pedagogo(a), docente ou simplesmente professor(a); além de receber ainda o título ou cognome de “tio” ou “tia” (FREIRE, 2005), em sentido deveras afetivo, quando docente em creches, jardins de infância, pré-escolas e/ou escolas de Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos ou Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano – antiga pré-escola à 4ª série do Ensino Fundamental).

De fato, o(a) professor(a) é, por excelência, o(a) profissional da educação que possui licença específica (grau/título/diploma) em determinada área do saber científico que fora obtida junto a curso técnico-profissionalizante de Curso Normal ou Magistério (atual Curso de Formação de Docentes) em nível de Ensino Médio (podendo lecionar apenas na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) ou junto a cursos de graduação – Normal Superior, Pedagogia, licenciaturas em geral, cursos de segunda licenciatura e cursos de formação/complementação pedagógica (destinados aos bacharéis que almejam exercer a docência) – devidamente autorizados e reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) para que possa ensinar/educar em escolas, colégios, instituições de ensino, faculdades e universidades; havendo a possibilidade de se dedicar de modo exclusivo ao ensino (desde a Educação Básica até à Educação Superior), bem como desenvolver atividades educacionais no campo da pesquisa científica em nível de cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e superiores de tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado, doutorado, pós-doutorado (PhD) e livre-docência).

Nesse sentido, torna-se relevante frisar e ratificar, coadunando com as concepções de Bins e Molina Neto (2016) e Santos (2014), que o(a) professor(a) exerce, desde sempre, uma função primordial na sociedade de classes, haja vista que é o(a) profissional caleidoscópico (ou calidoscópico) da educação, o(a) agente educacional formador(a) de diferentes formadores(as) educacionais e tantos(as)

outros(as) profissionais para o (competitivo) mercado de trabalho, nas mais diversas áreas do conhecimento e ocupações profissionais.

Vale destacar, pois, à guisa de exemplificação, que esta assertiva pode ser identificada, inclusive, em um anúncio de propaganda comercial que começou a ser exibido desde o ano de 2018, no Brasil, pela emissora Rede Globo de Televisão ao asseverar de forma notória e enfática o seguinte *slogan*: “*Professor, profissão que faz todas as profissões*”. Trata-se, em suma, de uma campanha publicitária jornalística alusiva à valorização dos docentes em geral, tendo em vista a data anual comemorativa de “15 de Outubro: Dia do(a) Professor(a)”.

3. O(A) professor(a) como formador(a) educacional caleidoscópico de diferentes profissionais para o (competitivo) mercado de trabalho

Não há dúvida de que aos professores e às professoras em geral cabe a incumbência de repassar aos(às) estudantes diversas informações, conhecimentos e saberes científicos oriundos de diferentes áreas e subáreas da Ciência; promover a democratização do saber cultural erudito histórica e socialmente construído pela humanidade no decorrer das décadas históricas; responsabilizar-se pela socialização e interação dos(as) alunos(as) em sala de aula; despertar a criatividade, a imaginação, o senso crítico e a análise reflexiva dos(as) educandos(as); preparar os(as) aprendizes para a vida em sociedade e para o (competitivo) mercado de trabalho profissional; oferecer uma educação de qualidade baseada em diferentes métodos e técnicas de ensino; aguçar a curiosidade e o gosto pela leitura de textos e livros de diversos estilos/gêneros literários; desenvolver nos(as) estudantes a empatia e o senso de responsabilidade participativa; ministrar aulas fazendo uso adequado, coerente, eficaz e eficiente de apostilas escolares, livros didáticos e diferentes tecnologias educacionais midiáticas; abordar os conteúdos curriculares programáticos de forma contextualizada e interdisciplinar, a fim de propiciar aos(às) alunos(as) uma aprendizagem significativa e produtiva, despertando a consciência dos(as) mesmos(as) acerca de seus direitos e deveres como cidadãos(ãs); dentre outras inúmeras atribuições educacionais de cunho didático-pedagógico e metodológico.

Diante do panorama delineado, é possível afirmar que todos(as) os(as) profissionais existentes dentro e fora do mercado de trabalho receberam, outrora, os primorosos e valorosos ensinamentos de professores(as) – considerados(as) por nós e tantos(as) outros(as) estudiosos(as) e pesquisadores(as) em Educação como autênticos(as) educadores(as) que exercem sua atividade laboral profissional como ofício (SOUSA NETO, 2005) e sacerdócio no contexto de uma dimensão educacional *dodiscente* (processo ensino-e-aprendizagem), isto é, engajados(as) na luta militante em prol da conquista de uma educação de melhor qualidade para todas as pessoas e imbuídos(as) de um verdadeiro sentimento de amor à profissão que abraçaram, tendo como princípio filosófico basilar e norteador de suas práticas pedagógicas a seguinte máxima freireana:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o *sujeito que me forma* e eu, o *objeto por ele formado*, me considero como um **paciente** que recebe os conhecimentos-conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. [...] É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, *quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado*. É neste sentido que *ensinar não é transferir conhecimento(s), conteúdo(s)*, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Portanto, *não há docência sem discência*: as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzindo à condição de objeto, um do outro. *Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2000, p.25; destaques nossos)

Sem a pretensão de esgotar o assunto em pauta, almejamos sinceramente que este artigo acadêmico-científico possa, de forma direta ou indireta, contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existe nas áreas de Didática, Formação de Docentes e Práticas Pedagógicas Escolares, em específico, bem como servir de fonte subsidiária de estudos e pesquisas científicas a professores(as), educadores(as), educadores(as), educadores(as), pedagogos(as), gestores(as) escolares, supervisores(as) e orientadores(as) educacionais, assistentes e assessores(as) pedagógicos(as), licenciandos(as) em diferentes áreas do saber e demais profissionais da educação em geral; sem jamais esquecer de que “ser professor(a)”

é substancialmente diferente de “estar professor(a)”, tanto em termos de teoria educacional quanto de prática pedagógica propriamente dita.

Pensemos, pois, filosoficamente a esse respeito de forma radical, rigorosa e de conjunto; conforme assevera Saviani (1980) em suas análises críticas e deveras pertinentes sobre as funções da escola, dos(as) docentes e da Educação na sociedade capitalista, a partir de uma consciência filosófica crítico-reflexiva.

Afinal de contas, sendo o(a) professor(a) um(a) profissional caleidoscópico da educação e agente educacional formador(a) de diferentes profissionais, é preciso levar em consideração, fazendo nossas as palavras de Whitaker (1985, p.29; grifos nossos), que:

O homem moderno e contemporâneo se define por sua *profissão*, pois passa praticamente *um terço ou mais do seu cotidiano no exercício de sua atividade profissional*, quando não dedica o resto do tempo a ela de várias maneiras indiretas: transportando-se para o trabalho, estudando, participando de congressos, etc. Todavia, é evidente que o maior tempo despendido em transporte ou em congressos é *função da classe social do profissional e do prestígio do seu ofício*.

Portanto, a profissão é também uma ‘marca identitária humana’ que deve ser amplamente valorizada pelos(as) trabalhadores(as), pelos(as) governantes e pela sociedade em geral, pois o trabalho dignifica os seres humanos em todos os sentidos e aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma pesquisa científica está “pronta e acabada”, uma vez que necessita sempre de outros olhares e novos direcionamentos.

Entretanto, é chegado o momento de, ao menos por ora, findar a conversa, encerrar o diálogo pedagógico problematizador (BERBEL, 1999) por razões puramente didático-metodológicas (tempo cronológico, arcabouço teórico consistente, afazeres educacionais, organização espacial, etc.).

Todavia, as análises crítico-reflexivas apresentadas no *corpus* textual deste artigo acadêmico-científico acerca da temática abordada não estão esgotadas, propiciando assim a possibilidade de serem efetuados outros apontamentos e novos delineamentos por estudiosos(as) e pesquisadores(as) oriundos(as) especificamente

das áreas de Didática e Formação de Docentes (entenda-se aqui o termo *docentes* como sendo os(as) professores(as), pedagogos(as) e demais educadores(as) em geral egressos(as) dos diferentes cursos superiores de licenciatura existentes no Brasil).

À medida que o presente trabalho de pesquisa científica ia consolidando a sua *gestalt* – palavra alemã que significa forma, estrutura ou configuração (BARROS, 1985), fortalecia-se cada vez mais a nossa concepção alusiva ao fato de que o(a) professor(a) é, por excelência, um(a) profissional caleidoscópico da educação e agente educacional formador(a) de diferentes profissionais para o (competitivo) mercado de trabalho na sociedade, desde a Grécia antiga até os dias atuais.

Dizemos isto, porque a presença do professor (no sentido literal do termo e gênero), como “[...] “escravo pedagogo”, [...] preceptor” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.8) ou qualquer outra nomenclatura terminológica que possa ser utilizada para identificá-lo e caracterizá-lo, sempre foi de vital importância na história da humanidade; haja vista que a ele cabia no passado histórico e ainda compete nos dias de hoje a tarefa de instruir, ensinar, educar, informar, transmitir conhecimentos e saberes científicos, repassar valores, etc.; enfim, levar os(as) educandos(as) ao pleno entendimento de *o que é e como se pensa e faz* Ciência em suas múltiplas facetas e dimensões. Trata-se, pois, de uma incumbência deveras complexa, porém magnífica.

Ser docente (de fato!) ou estar (temporariamente) na condição de professor(a) configura-se como um ofício sem igual; conforme pontuado por Sousa Neto (2005) de modo primoroso. É um verdadeiro sacerdócio da cultura – não no sentido eclesiástico, mas no âmbito pedagógico do termo (VEIGA; SOUZA ARAÚJO, 2000), exigindo deste(a) profissional (caleidoscópico) da educação inúmeras competências, habilidades e capacidades (técnica, social, humana, didática, pedagógica, metodológica, psicológica, epistemológica, dentre outras).

Contudo, almeja-se que num futuro bastante próximo os(as) docentes e demais profissionais da área educacional possam ter sua profissão cada vez mais valorizada pelas autoridades governamentais e também pela sociedade em geral. E não somente na data de *15 de outubro* de cada ano civil/letivo, em que se

comemora, de modo especial, o “*Dia do(a) Professor(a)*”; mas todos os dias e ao longo de cada década histórica, século e milênio.

REFERÊNCIAS

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3.ed. São Paulo: Cortez, p.35-60, 2002. (Coleção Saberes da Docência).

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia geral**. São Paulo: Ática, 1985.

BERBEL, N. A. N. A metodologia da problematização e os ensinamentos de Paulo Freire: uma relação mais que perfeita. In: _____. (Org.). **Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações**. Londrina: Editora da UEL, p.1-28, 1999.

BINS, G. N.; MOLINA NETO, V. Caleidoscópio: o olhar dos professores de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre para as questões étnico-raciais. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: Editora da UFSC, v.28, n.48, p.282-299, set./2016.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Os graus de mestre e doutor nas instituições de ensino norte-americanas**. Brasília: MEC/CAPEL, 1977.

BUENO, F. S. **Dicionário filológico do português**. São Paulo: Saraiva, 1966.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. (Coleção Encyclopaideia).

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 13.ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FABRA, M. L. **A nova pedagogia**. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil S.A., 1980. (Coleção Biblioteca Salvat de Grandes Temas – v.67).

FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

_____. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 8.ed. São Paulo: Editora Olho D’Água, 2005.

- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos – v.193).
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LARROYO, F. **História geral da pedagogia**: tomo II. 2.ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.
- LENHARD, R. **Escola**: dúvidas e reflexões – problemas sociopolíticos da estrutura e do funcionamento do ensino fundamental e médio. São Paulo: Moderna, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LIMA, L. O. **Pedagogia**: reprodução ou transformação. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Voos – v.9).
- MATTAR, J. **Guia de educação a distância**. São Paulo; Cengage Learning/Portal Educação, 2011. (Coleção Série Profissional).
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**: convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PIMENTEL, M. G. **O professor em construção**. Campinas: Papyrus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- RANGEL, M. Das dimensões da representação do “bom professor” às dimensões do processo de ensino-aprendizagem. In: TEVES, N.; RANGEL, M. (Orgs.). **Representação social e educação**: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas: Papyrus, p.47-77, 1999. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- RIBAS, M. H. **Construindo a competência**: processo de formação de professores. São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- SANTOS, M. P. Professor: profissão caleidoscópio. In: **Portal ProfessorNews**. São Paulo, out./2014. 6 f. Disponível em: <<https://www.professornews.com.br/artigos/6711-professor-profissaocaleidoscopio.html>>. Acesso em: 24/10/2014.
- SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1980. (Coleção Educação Contemporânea).
- SILVA, C. S. B. **Curso de pedagogia no Brasil**: história e identidade. Campinas: Autores Associados, 1999. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.66).
- SOUSA NETO, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. In: **Cadernos CEDES**. Campinas: Autores Associados, v. 25, n. 66, p. 249-259, ago./2005.

SPONVILLE, A. C. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

VEIGA, I. P. A.; SOUZA ARAÚJO, J. C. Ética e magistério. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, p.107-111, 2000.

YAMAMOTO, M. P.; ANDRUCHAK, M. A. Revendo o conceito de competência docente em face de um incidente crítico: articulando experiências. In: RIBAS, M. H. (Org.). **Formação de professores: escolas, práticas e saberes**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, p.159-180, 2005.

Recebido em 07/08/2019

Versão corrigida recebida em 17/12/2019

Aceito em 14/04/2020

Publicado online em 20/04/2020